



Mariana Ubaldo Libano

O efeito moderador da vinculação na associação entre a coparentalidade e a satisfação conjugal em mães de crianças em idade pré-escolar

Trabalho realizado sob orientação do

Prof. Doutor Diogo Jorge Pereira do Vale Lamela da Silva

Co-orientação da

Prof. Doutora Inês Martins Jongenelen

Novembro, 2018



Mariana Ubaldo Libano

O efeito moderador da vinculação na associação entre a coparentalidade e a satisfação conjugal em mães de crianças em idade pré-escolar

Dissertação de Mestrado Psicologia Clínica e da Saúde

Trabalho realizado sob orientação do

Prof. Doutor Diogo Jorge Pereira do Vale Lamela da Silva

Co-orientação da

Prof. Doutora Inês Martins Jongenelen

Dissertação defendida em provas públicas na Universidade Lusófona do Porto no dia 26/11/2018, perante o júri seguinte:

Presidente: Prof.^a Doutora Ana Rita Conde Dias (Universidade Lusófona do Porto)

Vogal e Arguente: Prof.^a Doutora Joana Maria Barreto Ramos de Almeida Cabral (Universidade Lusófona do Porto)

Orientador: Prof. Doutor Diogo Jorge Pereira do Vale Lamela da Silva (Universidade Lusófona do Porto)

Novembro, 2018

É autorizada a reprodução parcial desta dissertação, apenas para efeitos de investigação, mediante declaração escrita do interessado, que a tal se compromete.

Agradecimentos

Ao Professor Doutor Diogo Lamela, pela disponibilidade, ajuda e partilha de conhecimento prestadas ao longo de todo este percurso.

Aos meus pais, Guilhermina e Carlos, que permitiram que o meu sonho se concretizasse e pelo amor e apoio incondicional que sempre me deram assim como os valores que me transmitiram. A eles devo-lhes tudo!

Ao meu namorado, João, pelo apoio incondicional, dedicação e paciência em momentos mais desgastantes.

Às minhas amigas, Diana, Márcia, Ana e Maria João, que me acompanham desde a licenciatura, pela partilha de experiências e acompanhamento ao longo do meu percurso académico e acima de tudo pela amizade destes cinco anos.

Às minhas colegas do grupo de dissertação, Diana, Márcia e Paula, pelo apoio emocional e partilha de experiências prestadas durante este período.

A todos,

O meu sincero obrigada!

Resumo

A investigação tem demonstrado associações significativas quer entre a cooperação coparental quer o conflito coparental e a satisfação conjugal. No entanto, pouco tem sido estudado sobre o potencial efeito moderador da vinculação materna ao parceiro íntimo na associação entre estas variáveis. Assumindo a importância de compreender potenciais fontes de variabilidade interindividual na associação entre a coparentalidade e a satisfação conjugal, o presente estudo teve quatro objetivos. Os dois primeiros foram testar o efeito moderador da ansiedade de vinculação na associação entre a cooperação coparental e a satisfação conjugal e na associação entre o conflito coparental e a satisfação conjugal. No terceiro e quarto objetivos pretendeu-se testar o efeito moderador do evitamento de vinculação entre a cooperação coparental e a satisfação conjugal e na associação entre o conflito coparental e a satisfação conjugal. Foi conduzida uma recolha de dados *online*, usando um *design* transversal, onde as participantes responderam a questões relacionadas com as variáveis de estudo. Participaram no estudo 241 mães de crianças até à idade pré-escolar. Os resultados demonstraram que mães com ansiedade de vinculação apresentaram níveis menores de cooperação coparental e de satisfação conjugal. Assim como mães que apresentaram níveis elevados de conflito coparental apresentaram baixa satisfação conjugal. Quanto às participantes com evitamento de vinculação, estas relataram níveis inferiores de cooperação coparental e baixa satisfação conjugal assim como níveis elevados de conflito coparental e baixa satisfação conjugal. Foi possível verificar também que, a vinculação das mães modera a associação entre a coparentalidade e a satisfação conjugal. Foram discutidas as limitações e as implicações clínicas do presente estudo.

Palavras-chave: coparentalidade, satisfação conjugal, vinculação

Abstract

Research has demonstrated significant associations between coparental cooperation wants the coparental conflict and marital satisfaction. However, little has been studied about the potential moderating effect of maternal attachment to the intimate partner on the association between these variables. Assuming the importance of understanding potential sources of interindividual variability in the association between the co-parenting and marital satisfaction, the present study had four goals. The first two were testing the effect of anxiety on attachment moderator association between coparental cooperation and marital satisfaction and the association between the coparental conflict and marital satisfaction. In the third and fourth objectives was to test the effect of avoidance moderator attachment between coparental cooperation and marital satisfaction an in association between the coparental conflict and marital satisfaction. Data collection was conducted online, using a cross-sectional design, where the participants answered questions related to the study. Participated in study 241 mothers of children to the preschool age. The results showed that mothers with lower levels of anxiety showed attachment of coparental cooperation and marital satisfaction. As well as mothers who showed high levels of coparental conflict presented low marital satisfaction. As for the participants with avoidance of attachment, these reported lower levels of coparental cooperation and low marital satisfaction, as well as high levels of conflict coparental an lower marital satisfaction. It was possible to verify that the attachment of mothers moderates the association between the co-parenting and marital satisfaction. The limitations and clinical implications of the present study were discussed.

Keywords: co-parenting, satisfaction, marital, attachment

Índice

Agradecimentos	V
Resumo	VI
Abstract	VII
Enquadramento Teórico	9
Método	16
Participantes.....	16
Medidas.....	16
Procedimento	17
Análise de dados	19
Resultados.....	19
Discussão	24
Referências	27

Índice de Tabelas

Tabela 1. Médias, Desvios-Padrão e Correlações Bivariadas entre as Principais Variáveis.....	20
Tabela 2. Efeito Moderador da Ansiedade de Vinculação na Associação entre Cooperação Coparental e Satisfação Conjugal	20
Tabela 3. Efeito Moderador da Ansiedade de Vinculação na Associação entre Conflito Coparental e Satisfação Conjugal	21
Tabela 4. Efeito Moderador do Evitamento de Vinculação na Associação entre Cooperação Coparental e Satisfação Conjugal	22
Tabela 5. Efeito Moderador do Evitamento de Vinculação na Associação entre Conflito Coparental e Satisfação Conjugal	23

Índice de Figuras

Figura 1. Interação entre a cooperação coparental e o evitamento de vinculação na predição da satisfação conjugal	23
Figura 2. Interação entre o conflito coparental e o evitamento de vinculação na predição da satisfação conjugal	24

O efeito moderador da vinculação na associação entre a coparentalidade e a satisfação conjugal em mães de crianças em idade pré-escolar

De acordo com a teoria dos sistemas familiares, a família é considerada como ambiente crucial para os indivíduos desenvolverem aprendizagens fundamentais de interação e afeto, tal como comunicação, relações interpessoais, linguagem, amor, sexualidade, contatos corporais e filiação (Alarcão, 2000). Assim, como a principal rede de relações dos indivíduos, o sistema familiar permite a compreensão dos níveis de ajustamento dos seus elementos (Lamela, Nunes Costa, & Figueiredo, 2010). Segundo Minuchin (1974) e Dias (2011), a família é concetualizada como um sistema dinâmico, onde ocorrem processos de interação e integração entre os seus elementos assim como com o meio exterior (Alarcão, 2000). Dentro deste macrossistema, existem subsistemas que são analisados como unidades sistémico-relacionais, tais como, o subsistema individual, constituído pelo próprio indivíduo, que exerce funções e papéis na família e noutros sistemas; o subsistema conjugal composto pelos dois adultos em interação íntima; o subsistema parental geralmente constituído pela díade mãe-filho e pai-filho (ou de quem é esperado legal ou socialmente assuma a responsabilidade coparental); o subsistema fraternal composto pelos irmãos que possibilita o desenvolvimento de competências de relacionamento interpessoal (Alarcão, 2000); e o subsistema executivo, formado pelos pais com a função de tomar decisões relativas à educação dos filhos, revela-se importante para o funcionamento global da criança e para a sua adaptação (Lamela et al., 2010).

De entre todos os subsistemas existentes, o subsistema coparental é visto como distinto dos subsistemas conjugal e parental, uma vez que é o produto da interação entre os dois pais na condução e satisfação das necessidades da criança (Lamela et al., 2010). Assim, o subsistema coparental surge como um subsistema familiar chave para explicar o funcionamento de outros subsistemas familiares (Feinberg, 2003). De acordo com a literatura, parece não existir consenso acerca do surgimento inicial do conceito da coparentalidade. O construto da coparentalidade é complexo e difícil de definição e de avaliação empírica (Lamela et al., 2010). Contudo, a coparentalidade é definida como sendo o envolvimento conjunto e recíproco de cada um dos pais no cuidado prestado à criança (Feinberg, 2003).

Como suporte teórico ao estudo da coparentalidade, surgiu o Modelo da Estrutura Interna e Contexto Ecológico da Coparentalidade (Feinberg, 2003). Este modelo sustenta que a relação

coparental associa-se à qualidade e frequência do suporte que cada um dos pais fornece ao outro progenitor na prestação de cuidado à criança, não envolvendo dimensões conjugais e parentais. Em relação às componentes, o modelo sugere a existência de quatro, nomeadamente, acordo ou desacordo nas práticas parentais; divisão do trabalho relacionado com questões que englobem a criança; suporte/sabotagem do papel coparental e gestão conjunta das relações familiares. É, por isso, a coparentalidade resultado da interdependência destes componentes. Por conseguinte, o peso de cada componente da coparentalidade varia de acordo com as características de cada díade coparental e do seu contexto de desenvolvimento (Lamela et al., 2010).

Anteriormente, Maccoby, Depner e Mnookin (1990) identificaram três padrões da coparentalidade: cooperativa, conflituosa e descomprometida. A coparentalidade cooperativa foi caracterizada pela capacidade da díade coparental isolar os seus conflitos interpessoais da sua função como pais, a interação entre ambos os pais é de qualidade no qual ocorre uma comunicação regular sobre os filhos, é caracterizada por baixos níveis de conflito e inexistência de estratégias de corrosão. A coparentalidade conflituosa é caracterizada por uma comunicação com elevados níveis de conflito, hostilidade, criticismo e competição entre a díade. Estes conflitos permanecem ativos e acabam por se estenderem para o domínio parental, no qual as crianças são mais suscetíveis de testemunhar conflitos entre os pais. Por fim, na coparentalidade descomprometida, apesar de existir um envolvimento de cada pai na vida da criança, este envolvimento não é conjunto. Os pais praticam uma parentalidade paralela, expressa por uma comunicação rudimentar acerca da educação dos filhos. Apesar do sistema categorial com mais suporte científico proposto por estes autores, tenha sido desenvolvido entre pais divorciados avaliando os padrões de interação coparental, pode ser aplicado a pais de famílias intactas (Lamela et al., 2010).

McHale, (1997) apresentou três condições da aliança coparental positiva: ligação afetiva, os pais têm comportamentos e atitudes positivas entre si e com a criança; envolvimento mútuo, cuidado e proteção da criança; e cooperação, os pais trabalham de uma forma unida em relação à criança. Assim, a cooperação coparental pode funcionar como uma fonte de apoio social para a parentalidade das mulheres, uma vez que aumenta a sua autoeficácia, bem-estar e, em particular, a satisfação conjugal (Abbass-Dick, Stern, Nelson, Watson, & Dennis, 2015).

Diversos estudos concluíram que aliança coparental estava associada positivamente ao calor conjugal (Feinberg, Kan, & Goslin, 2009), ao compromisso conjugal (McClain, 2011) e à estabilidade conjugal (Schober, 2012). Por sua vez, outros estudos definem as estratégias de

conflito coparental pela forma como os pais gerem a sua interação diádica para prestarem apoio mútuo nas questões relacionadas com a criança ou para resolver possíveis desentendimentos no trabalho da coparentalidade (Krishnakumar & Buehler, 2000), e podem ser aplicadas pela díade parental de forma assertiva ou destrutiva para resolver os problemas relacionados com a criança. O conflito coparental destrutivo tem demonstrado ser prejudicial nos processos conjugais e no ajustamento psicológico da família. O conflito coparental compreende conflitos abertos (gritos, insultos, ameaças) e conflito fechado (hostilidade, crítica) (Lamela, Figueiredo, Bastos, & Feinberg, 2016).

Neste sentido, uma meta-análise verificou que a forma como pais coordenam o cuidado conjunto dos filhos está significativamente relacionada com o ajustamento psicológico da criança (Teuber & Pinquart, 2010). Deste modo, estudos verificaram uma relação simultânea e longitudinal entre os conflitos de coparentalidade com os problemas de internalização nas raparigas e com os problemas externalização nos rapazes na idade escolar (Jones, Shaffer, Forehand, Brody & Armistead, 2003). Estes estudos têm verificado que o conflito de coparentalidade está associado a um aumento do comportamento antissocial dos adolescentes e que os níveis mais baixos de conflitos de coparentalidade, em relação aos níveis mais altos, protegem as crianças de apresentarem sintomas depressivos e comportamentos agressivos (Feinberg, Hetherington & Kan 2007; Forehand & Jones, 2003). A par destes estudos, um estudo realizado por Mosmann e Falcke (2011) concluiu que o principal motivo de desentendimento da díade conjugal é a relação com os filhos, seguindo-se o dinheiro, tarefas domésticas e o sexo. Este estudo corrobora a hipótese de *Spillover*, em que o conflito coparental pode ser interferir, direta ou indiretamente, para a relação dos adultos enquanto díade conjugal, sendo que também os conflitos relacionados com os filhos podem causar impacto no subsistema conjugal (Gerard, Krishnakumar & Buheler, 2006; Margolin, Gordis & Oliver, 2004).

Assim parece que coparentalidade exerce uma influência notória no desenvolvimento das crianças, indo além da influência da relação conjugal ou parental, mostrando assim que a relação coparental exerce um papel crucial e diferenciado no sistema familiar (Buckley & Schoppe-Sullivan, 2010).

Associação entre a coparentalidade e a satisfação conjugal

Tendo em conta a literatura existente, parece existir uma associação entre a coparentalidade e a satisfação conjugal. Estudos empíricos têm vindo a demonstrar que casais com um funcionamento satisfatório no subsistema coparental tendem a desenvolver relações conjugais também elas satisfatórias (Belsky, Crnic & Gable, 1995; Katz & Gottman, 1996). Adicionalmente, um estudo realizado por Lamela, Jongenelen, Morais e Figueiredo (2018) sugeriu que uma relação coparental ótima é principal preditor não só do sucesso da adaptação das crianças ao meio ambiente, mas também da satisfação conjugal.

Neste sentido, estudos têm demonstrado que o relacionamento coparental pode interferir com a satisfação conjugal em mães casadas. Por exemplo, as perceções da aliança coparental positiva, e o baixo conflito de coparentalidade destrutivo podem ser interpretados pelas mulheres como sinais de compromisso com o cônjuge no relacionamento conjugal (Galovan, Holmes, Schramm & Lee, 2014). A par destes, outros mostraram que o acordo de coparentalidade sobre cuidados da criança na satisfação conjugal é moderado pelo género dos pais, autoeficácia na assistência à criança e perceção de conflitos do trabalho-família e que, quando o relacionamento conjugal é de baixa qualidade, os pais são menos capazes de ser consistente nas práticas parentais (Fillo, Simpson, Rholes & Kohn, 2015; Talbot & McHale, 2004) e que a aliança coparental parece estar positivamente associada à satisfação conjugal (Feinberg, Kan, & Goslin, 2009), e à estabilidade conjugal (Schober, 2012). Adicionalmente, Teubert & Pinquart, 2010; Umemura, Mann, Jacobvitz, & Hazen, 2015, apontaram uma relação coparental ideal como sendo um processo familiar principal para predizer não só o sucesso das crianças na adaptação ao meio ambiente, mas também a satisfação conjugal

Assim, perante a investigação empírica existente, parece existir uma associação quer entre a cooperação coparental quer o conflito coparental e a satisfação conjugal. Contudo, até à data não é do nosso conhecimento nenhum estudo empírico que estudasse o efeito moderador da vinculação materna ao par romântico como fonte de variabilidade interindividual nas associações entre estas variáveis (Lamela, Figueiredo & Bastos, 2013).

Vinculação na vida adulta

A vinculação na vida adulta envolve múltiplos e complexos sistemas de regulação emocional, comportamental e das relações interpessoais (Feeney, 2008). Segundo Weiss (1982),

um dos precursores na apresentação das características da vinculação nos adultos, a vinculação na vida adulta pode ser operacionalizada como uma relação recíproca entre iguais, onde existe procura de proximidade, sendo que a separação, a ameaça de separação ou a diminuída responsividade contribui para o aumento da ansiedade devido ao sentimento de inacessibilidade da figura de vinculação.

Um modelo fundamental no estudo da vinculação na vida adulta foi desenvolvido por Hazan e Shaver (1987). Os autores defenderam uma associação entre a organização da vinculação na infância e na vida adulta, propondo que as relações amorosas na vida adulta seriam o espelho das relações de vinculação adultas em comparação às relações figura de vinculação - bebê enquanto relações de vinculação na infância. Este modelo propõe a existência de três tipos de vinculação na idade adulta, nomeadamente, a vinculação segura - caracterizada por sentimentos de felicidade e confiança; a vinculação insegura/evitante - caracterizada pelo medo de intimidade, ciúme e por um inconstante nível de emoções e a vinculação insegura ansiosa/ambivalente que é caracterizada por sentimentos de insegurança face aos sentimentos dos outros sobre si mesmo, por uma necessidade exagerada de proximidade dos outros e também por uma obsessão, desejo de reciprocidade e união, um inconstante nível de emoções, e uma atração sexual e ciúme acentuado.

Segundo Hazan e Shaver (1987), os modelos internos desenvolvidos na infância permanecem na idade adulta, influenciando o tipo e a forma de relação criada com os outros. Os autores acreditam que as experiências precoces com as figuras de vinculação irão influenciar em parte a forma como os indivíduos se relacionam e comportam nas relações com os outros e nas relações íntimas. Indivíduos com baixos níveis de ansiedade e evitamento demonstram um maior comportamento empático e menos hostil para com os outros, ao contrário de indivíduos com níveis altos de ansiedade e evitamento que utilizam estratégias de desativação destes sistemas, colocando-os mais distantes emocionalmente e isolando-se de forma a evitar o relacionamento próximo (Mikulincer, Shaver & Pereg, 2003).

De acordo com a literatura, sujeitos com um padrão de vinculação segura, que possuem baixos níveis de ansiedade e evitamento, demonstram ter comportamentos positivos e não intrusivos ou controladores de prestação de cuidados (Mikulincer & Shaver, 2007). Demonstraram também afeto, sensibilidade e cooperação de forma não controladora, agindo ativamente na resolução dos problemas dos seus parceiros (Kunze & Shaver, 1994; Feeney & Collins, 2001). Assim, indivíduos que receberam cuidados de forma sensível e calorosa, com

base no apoio e autonomia aprendem a contar com os outros em situações causadoras de stress e em tempos de necessidade (Simpson et al., 2007, Kuncce & Shaver, 1994). Já indivíduos que foram rejeitados pelas figuras de vinculação tendem a não se dirigir aos outros num esforço de reduzir o *stress*, devido a terem desenvolvido estratégias de autossuficiência (Simpson et al., 2007). No caso dos indivíduos com níveis elevados de vinculação ansiosa, estes exibem uma maior correspondência de comportamentos de prestação de cuidados aos seus parceiros, mas aqui os motivos revelam ser mais pessoais que altruístas. Indivíduos ansiosos com medo da rejeição e abandono utilizam o sistema de prestação de cuidados com padrões de sobreenvolvimento e controlo para servir uma necessidade individual em manter a proximidade relacional em contraste com um tipo de comportamento mais altruístico e pro-social. Vários estudos demonstraram que, de facto, o padrão de vinculação é indicador do tipo de comportamentos de prestação de cuidados que são fornecidos pelos indivíduos aos seus parceiros românticos. Dependendo destes padrões os níveis de apoio e cooperação, bem estar ou controlo, fornecimento de uma base segura ou comportamentos reativos à autonomia e agir do outro, fornecimento de cuidados em momentos de *stress* serão fornecidos de diferentes formas (Hazan & Shaver 1987; Hazan & Shaver, 1994; Kuncce & Shaver, 1994; Feeney & Collins, 2001; Simpson et al., 2007; Cooper, Collins & Shaver, 1998; Mikulincer & Shaver, 2005).

No que concerne à associação entre vinculação e satisfação conjugal, um crescente número de estudos tem proposto que o estilo de vinculação é um preditor importante da qualidade e satisfação conjugais (Feeney, Noller, & Callan, 1994), onde os padrões de comunicação e a manifestação de afetividade negativa funcionam como mediadores entre a segurança da vinculação e a satisfação na relação (Davila, Bradbury, & Fincham, 1998; J. Feeney, 2008). Assim como, que a satisfação com a relação conjugal tende a ser proporcional à segurança da vinculação dos membros da díade. Por exemplo, Kirkpatrick e Davis (1994), verificaram que as mulheres com vinculação insegura-ansiosa manifestavam menor satisfação e afeto e maiores níveis de conflito e ambivalência na relação do que as mulheres com um estilo de vinculação segura.

Já no que diz respeito à relação entre a vinculação e a coparentalidade Lamela e Figueiredo (2011) encontraram resultados que comprovam que pais seguros apresentam maior perceção da qualidade da coparentalidade e maior ajustamento familiar. Os pais com uma vinculação ansiosa demonstram uma perceção da aliança coparental estatisticamente idêntica aos pais de vinculação segura, contudo com níveis mais baixos de ajustamento familiar. Pais

com uma vinculação insegura evitante demonstravam percepções mais reduzidas da coparentalidade do que os dois grupos, no entanto com um ajustamento familiar similar ao dos pais seguros e superior aos dos pais inseguros ansiosos. Com base nos dados do estudo, Lamela e Figueiredo (2011) sugerem que a coparentalidade para os pais ansiosos funciona mais como uma estratégia de procura de proximidade com a figura de vinculação do que como um recurso para a procura do bem-estar e funcionamento familiar.

O Presente Estudo

Tendo em conta a literatura anterior que mostrou evidências empíricas de associações significativas quer entre a cooperação coparental e satisfação conjugal quer entre o conflito coparental e a satisfação conjugal, o presente estudo tem como objetivo global examinar o efeito moderador quer da ansiedade de vinculação quer do evitamento de vinculação nestas associações. Mais especificamente, o presente estudo testou, primeiramente, o efeito moderador da ansiedade de vinculação na associação entre a cooperação coparental e a satisfação conjugal. Esperou-se que níveis mais baixos de satisfação conjugal seriam evidenciados pelas participantes com níveis mais baixos de cooperação coparental e níveis mais baixos de ansiedade de vinculação.

O segundo objetivo foi testar o efeito moderador da ansiedade de vinculação na associação entre o conflito coparental e a satisfação conjugal. Esperou-se que níveis mais baixos de satisfação conjugal seriam evidenciados pelas participantes com níveis mais altos de conflito coparental e níveis mais baixos de ansiedade de vinculação.

O terceiro objetivo foi examinar o efeito moderador do evitamento de vinculação na associação entre a cooperação coparental e a satisfação conjugal. Esperou-se que níveis mais baixos de satisfação conjugal seriam evidenciados pelas participantes com níveis mais baixos de cooperação coparental e níveis mais elevados de evitamento de vinculação.

Finalmente, o quarto objetivo foi testar o efeito moderador do evitamento de vinculação na associação entre o conflito coparental e a satisfação conjugal. Esperou-se que níveis mais baixos de satisfação conjugal seriam evidenciados pelas participantes com níveis mais elevados de conflito coparental e níveis mais elevados de evitamento de vinculação.

Método

Participantes

A amostra foi constituída por 241 mães residentes em Portugal com idades compreendidas entre os 20 e os 51 anos ($M = 35.30$; $SD = 5.44$), com filhos com idades entre 1 e 6 anos ($M = 3.76$; $SD = 3.38$). O número de filhos por participante variou os 2 e os 6 filhos ($M = 2.66$; $SD = 0.80$). Em relação ao estado civil, casada foi o selecionado pela maioria das participantes (57.1%), sendo que as restantes viviam em união de facto ou namoravam com o pai do filho. Em média, a duração do atual relacionamento íntimo é de aproximadamente 13.0 anos ($SD = 5.95$).

Medidas

Cooperação coparental. A cooperação coparental foi avaliada através do um compósito obtido através do cálculo das médias obtidas nas subescalas do suporte coparental (6 itens) e do acordo coparental (4 itens) da *Escala da Relação Coparental* (Feinberg, Brown, & Kan, 2012; versão portuguesa Lamela, Morais, & Jongenelen, 2018). Cada item é respondido numa escala de *Likert* de 7 pontos (desde 0 ‘não é verdadeiro sobre nós’ a 6 ‘muito verdadeiro sobre nós’). O total do compósito pode variar entre 0 e 6. Pontuações mais elevadas refletem maior cooperação coparental. Investigações anteriores validaram este compósito para medição da cooperação coparental (Lamela, Jongenelen, Morais, & Figueiredo, 2018). O alfa de Conbrach na atual amostra foi de .89.

Conflito coparental. O conflito coparental foi avaliado através do um compósito obtido através do cálculo das médias obtidas nas subescalas de sabotagem coparental (6 itens) e do conflito coparental (5 itens) da *Escala da Relação Coparental* (Feinberg et al., 2012; versão portuguesa Lamela et al., 2018). Cada item é respondido numa escala de *Likert* de 7 pontos (desde 0 ‘não é verdadeiro sobre nós’ a 6 ‘muito verdadeiro sobre nós’). O total do compósito pode variar entre 0 e 6. Pontuações mais elevadas refletem maior conflito coparental. Investigações anteriores validaram este compósito para medição da cooperação coparental (Lamela et al., 2018). O alfa de Conbrach na atual amostra foi de .85.

Satisfação conjugal. A satisfação conjugal foi medida através da escala *The Couple Satisfaction Index* (CSI; Funk & Rogge, 2007, versão portuguesa Lamela, Morais, & Jongenelen, 2018). A CSI mede a satisfação com o parceiro romântico/íntimo em quatro itens,

numa escala de *Likert* de 7 pontos. O score total é alcançado pela soma de todos os itens (variação da pontuação total 4-24). Os valores mais altos indicam maior satisfação conjugal. A versão portuguesa mostrou excelentes qualidades psicométricas (Lamela, Morais, & Jongenelen, 2018).

Vinculação. Para avaliar a vinculação adulta foi administrado o *Experiences in Close Relationships – Relationships Structures* validado para a população portuguesa (ECR-RS; Fraley, Heffernan, Vicary & Brumbaugh, 2011; Moreira, Martins, Gouveia & Canavarro, 2015). O ECR-RS é um instrumento de autorresposta, que avalia duas dimensões da vinculação adulta: o evitamento à proximidade e a ansiedade ao abandono em diferentes relações próximas (mãe, pai, parceiro romântico e melhor amigo) ou nas relações próximas em geral. Com base nos objetivos do presente estudo, foram avaliadas as dimensões de ansiedade e evitamento da vinculação com o parceiro romântico. O ECR-RS é composto por 9 itens numa escala tipo *Likert* de 7 pontos (1 “*discordo fortemente*” a 7 “*concordo fortemente*”). Os itens 1 a 6 compõem a subescala de evitamento (e.g., “*Ajuda-me poder contar com esta pessoa em situações de necessidade.*”) e os itens 7 a 9 compõem a subescala de ansiedade (e.g., “*Preocupo-me frequentemente que esta pessoa não goste realmente de mim.*”). Quanto maior o valor obtido nas subescalas, maior o evitamento e a ansiedade na vinculação. O ECR-RS tem demonstrado adequadas características psicométricas favoráveis e consistência interna para o total da escala de .86 na população portuguesa (Moreira, Martins, Gouveia & Canavarro 2015). A consistência interna do ECR-RS na amostra do presente estudo foi de .83.

Procedimento

Foi construído um inquérito online para a recolha de dados dos participantes. Estabeleceram-se quatro critérios de inclusão para a participação no estudo: ser do sexo feminino, ter mais de 18 anos, residir em Portugal e ter filhos na idade pré-escolar. O inquérito online esteve disponível entre abril e julho de 2018 numa plataforma *online* (survs.com). Inicialmente, foi apresentado um consentimento informado onde se expuseram os objetivos, os critérios de inclusão, procedimentos do estudo, questões de confidencialidade, procedimentos de consentimento ou não consentimento de participação, métodos de tratamento dos dados e os contactos da equipa de investigação. Foi garantido aos participantes o total anonimato das respostas, dado que não foram questionadas informações que diretamente podem identificar o participante (e.g., nome ou e-mail), nem foram recolhidas informações sobre o endereço IP nem

outro dado de identidade informática. O consentimento informado foi obtido ao selecionar a opção de ‘página seguinte’, que correspondia ao acesso ao inquérito, cujo tempo estimado de preenchimento foi de 15 a 20 minutos. As participantes foram recrutadas via fóruns online e divulgação online (e.g., redes sociais e meios de comunicação social). Foi fornecido às participantes que o desejaram, um *feedback* individual das dimensões cientificamente validadas do funcionamento conjugal e coparental avaliadas no presente estudo.

Para garantir a qualidade dos dados, foram seguidas recomendações metodológicas e éticas para a investigação online da *American Psychological Association*, tais como, por exemplo, a aplicação de procedimentos de consentimento informado e o desenho de um plano parcimonioso de recrutamento de participantes. Foram também aplicados procedimentos de proteção contra amostras potencialmente enviesadas, como a inclusão de uma questão sobre o número de vezes que o participante estava a responder ao questionário e a inclusão de sete itens de avaliação da validade das respostas (The Directed Questions Scale - DQS, Maniaci & Rogge, 2014). Estes itens de validade das respostas da DQS (e.g., ‘*Deixe este item por responder*’, ‘*Este é um item de controlo. Deixe este item em branco*’, ‘*Este é um item de controlo. Selecione a opção ‘Concordo totalmente’*’) tem como objetivo identificar respostas ao inquérito dadas potencialmente ao acaso ou com baixo nível de atenção e/ou esforço. De acordo com os procedimentos recomendados pelos autores, participações com duas ou mais respostas incorretas nestes itens de controlo foram eliminadas da amostra final de participantes por não cumprirem critérios de fiabilidade das respostas (Maniaci & Rogge, 2014).

Posteriormente à recolha de dados, foram efetuados procedimentos de limpeza de dados em investigações com recolha de dados online, de acordo com as recomendações de Funk e Rogge (2007). Assim, foram eliminados participantes que: (1) não cumpriram os critérios de inclusão, (2) afirmaram não ser a primeira a vez que estavam a responder ao protocolo; (3) não completaram 70% do total do protocolo e/ou deixaram quatro itens por preencher do instrumento que avaliava a variável dependente (4) responderam incorretamente a dois ou mais itens de controlo da DQS (Maniaci & Rogge, 2014). Foram invalidadas 51 participações (17.2% do total de participantes) por não cumprirem, pelo menos, um destes quatro critérios. Assim, 20 participantes foram eliminados por não cumprirem os critérios de inclusão (9 eram do sexo masculino, 6 tinham filhos com idade superior a 6 anos, 2 não estavam em território português e 3 não estavam numa relação romântica com o pai do filho), 2 por afirmarem que não foi a primeira vez que responderam ao questionário, 15 por não terem completado, pelo menos, 70%

do protocolo e, finalmente, 14 participantes por terem respondido incorretamente a dois ou mais itens de controlo do DQS.

Análise de dados

Foi conduzida inicialmente uma análise correlacional bivariada para preliminarmente observar a significância, força e direccionalidade das correlações entre as principais variáveis em estudo. De seguida, para testar os efeitos moderadores enunciados nos objetivos do estudo, foram realizadas quatro análises independentes de regressão linear hierárquica. Para cada modelo testado, a variável independente foi incluída no modelo no Bloco 1. O moderador foi incluído no Bloco 2. Para testar o efeito de moderação, foi introduzida, finalmente, no Bloco 3 uma interação *two-way* entre a variável independente e a variável moderadora. Antes de serem gerados os termos de interação, todas as variáveis foram standardizadas (*z* scores) para minimizar a multicolineariedade (Cohen, Cohen, West, & Aiken, 2003). A interação entre o preditor e o moderador foi examinada através de análises *Post-hoc* dos declives (*simple slope analysis*) (Aiken & West, 1991). Testes de diferenças de declives foram também realizados para investigar o efeito da potencial interação. Estes testes examinaram se as diferenças entre declives foram significativamente diferentes de zero (Dawson & Richter, 2006).

Resultados

Estatística descritiva

A Tabela 1 apresenta as médias e o desvio-padrão das principais variáveis do estudo. Foram realizadas correlações bivariadas preliminares para determinar a associação entre as variáveis. Na globalidade, as associações entre as variáveis do estudo apresentaram associações significativas nas direções esperadas. Destaca-se que a ansiedade de vinculação não se encontrou associada significativa com o conflito coparental, no entanto, mostrou-se negativa e significativamente associada com a cooperação coparental. Por outro lado, o evitamento de vinculação mostrou-se positiva e significativamente associado com o conflito coparental e negativa e significativamente correlacionado com a cooperação coparental e satisfação conjugal.

Tabela 1. *Médias, Desvios-Padrão e Correlações Bivariadas entre as Principais Variáveis*

Variável	Média	SD	1.	2.	3.	4.
1. Satisfação conjugal	18.89	3.95	-			
2. Cooperação coparental	5.90	1.67	.55***	-		
3. Conflito coparental	1.61	0.74	-.51***	-.52***	-	
4. Vinculação-Ansiedade	3.01	1.82	-.07	-.17**	.10	-
5. Vinculação-Evitamento	1.84	1.05	-.59***	-.56***	.47***	.17**

** $p < .01$. *** $p < .001$.

Efeito moderador da ansiedade de vinculação

Primeiramente, testou-se o efeito moderador da ansiedade de vinculação na associação entre cooperação coparental e satisfação conjugal. Tal como apresentado na Tabela 2, o modelo final de regressão hierárquica para a predição da satisfação conjugal, tendo a cooperação coparental, a ansiedade de vinculação e o termo de interação como preditores, foi significativo, $F(3, 238) = 34.05$, $p < .001$. O modelo final explicou 30% da variância da satisfação conjugal. No entanto, quer a ansiedade de vinculação, inserida no modelo no Bloco 2, quer o termo de interação inserido no Bloco 3 não se mostraram preditores significativos da satisfação conjugal.

Tabela 2. *Efeito Moderador da Ansiedade de Vinculação na Associação entre Cooperação Coparental e Satisfação Conjugal*

Variável	$B (SE)$	β	R^2	ΔR^2
Bloco 1				
Cooperação coparental	0.57 (0.57)	.54***		
$F(1, 240)$.30	
		101.11***		
Bloco 2				
Ansiedade de vinculação	0.004 (0.54)	.004		
$\Delta F(2, 239)$.004	.30	.00
Bloco 3				
Cooperação coparental \times Ansiedade de vinculação	-0.06 (0.05)	.06		
$\Delta F(3, 238)$		1.32	.30	1.32

*** $p < .001$.

Resultados similares foram encontrados na examinação do efeito moderador da ansiedade de vinculação na associação entre o conflito coparental e satisfação conjugal (Tabela 3). Apesar do modelo final de regressão hierárquica para a predição da satisfação conjugal terse mostrado significativo, $F(3, 238) = 25.64, p < .001$, apenas o conflito coparental se revelou um preditor significativo da variância da satisfação conjugal. Assim, a adição da ansiedade de vinculação (Bloco 2) e o termo de interação entre conflito coparental e ansiedade de vinculação (Bloco 3) não contribuíram significativamente para a variância explicada da satisfação conjugal.

Tabela 3. *Efeito Moderador da Ansiedade de Vinculação na Associação entre Conflito Coparental e Satisfação Conjugal*

Variável	$B (SE)$	β	R_2	ΔR_2
Bloco 1				
Conflito coparental	-0.49 (0.05)	-.49***		
$F(1, 240)$	77.05***		.24	
Bloco 2				
Ansiedade de vinculação	-0.02 (0.05)	.02		
$\Delta F(2, 239)$.101		.24	.00
Bloco 3				
Conflito coparental × Ansiedade de vinculação	-0.04 (0.07)	.03		
$\Delta F(3, 238)$.307		.24	.001

*** $p < .001$.

Efeito moderador do evitamento de vinculação

Tal como apresentado na Tabela 4, o modelo final de regressão hierárquica para a predição da satisfação conjugal, tendo a cooperação coparental, o evitamento de vinculação e o termo de interação como preditores, foi significativo, $F(3, 238) = 59.31, p < .001$. O modelo final explicou 43% da variância da satisfação conjugal. Quer a cooperação coparental, quer o evitamento de vinculação (Bloco 2) foram preditores individuais da satisfação conjugal. No Bloco 3, a inclusão do termo de interação (cooperação coparental × evitamento de vinculação) contribuiu para o aumento da variância explicada na satisfação conjugal, $\Delta R^2 = .02, p < .01$.

Tabela 4. *Efeito Moderador do Evitamento de Vinculação na Associação entre Cooperação Coparental e Satisfação Conjugal*

Variável	<i>B (SE)</i>	β	<i>R</i> ₂	ΔR ₂
Bloco 1				
Cooperação coparental	0.57 (0.57)	.54***		
<i>F</i> (1, 240)		101.11***	.30	
Bloco 2				
Evitamento de vinculação	0.32 (0.06)	.31***		
ΔF (2, 239)		46.35***	.41	.11
Bloco 3				
Cooperação coparental × Evitamento de vinculação	-0.11 (0.04)	-.17**		
ΔF (3, 238)		6.95**	.43	.02

** $p < .01$. *** $p < .001$.

Com vista a interpretar os resultados obtidos no Bloco 3, o efeito de interação entre cooperação coparental e o evitamento de vinculação foi analisado através da execução de um diagrama da predição da satisfação conjugal com baixa (- 1 *SD*) e alta (+ 1 *SD*) cooperação coparental dependendo de baixos (- 1 *SD*) e altos (+ 1 *SD*) níveis de evitamento de vinculação. Os resultados são mostrados na Figura 1. Os testes *Post-hoc* de declive mostraram que a associação entre a cooperação coparental e satisfação conjugal foi significativa quer a baixos níveis de evitamento de vinculação, $B = 0.49$, $t = 5.48$, $p < .001$, quer a altos níveis de evitamento de vinculação, $B = 0.27$, $t = 4.27$, $p < .001$. Através da análise da Figura 1, verificou-se que as participantes com elevados níveis de evitamento de vinculação apresentaram menores níveis de satisfação conjugal, quer com baixa quer com alta cooperação coparental, quando comparadas com participantes com baixos níveis de evitamento de vinculação.

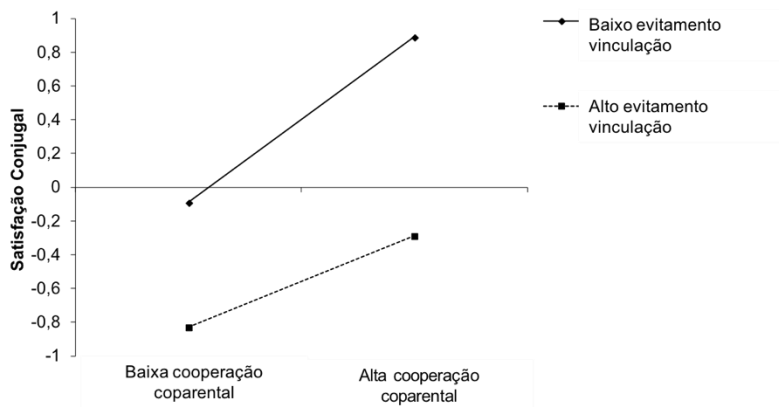


Figura 1. Interação entre a cooperação coparental e o evitamento de vinculação na predição da satisfação conjugal.

Finalmente, o modelo final de regressão hierárquica para a predição da satisfação conjugal, tendo o conflito coparental, o evitamento de vinculação e o termo de interação como preditores, foi significativo, $F(3, 238) = 60.24, p < .001$ (Tabela 5). O modelo final explicou 43% da variância da satisfação conjugal. Quer o conflito coparental, quer o evitamento de vinculação (Bloco 2) foram preditores individuais da satisfação conjugal. No Bloco 3, a inclusão do termo de interação (conflito coparental \times evitamento de vinculação) contribuiu para o aumento da variância explicada na satisfação conjugal, $\Delta R^2 = .02, p < .01$.

Tabela 5. Efeito Moderador do Evitamento de Vinculação na Associação entre Conflito Coparental e Satisfação Conjugal

Variável	$B (SE)$	β	R_2	ΔR_2
Bloco 1				
Conflito coparental	-0.49 (0.05)	-.49***		
$F(1, 240)$.24	
Bloco 2				
Evitamento de vinculação	-0.29 (0.06)	-.29***		
$\Delta F(2, 239)$.41	.17
Bloco 3				
Conflito coparental \times Evitamento de vinculação	0.09 (0.03)	.17**		
$\Delta F(3, 238)$.43	.02

** $p < .01$. *** $p < .001$.

Com vista a interpretar estes resultados obtidos no Bloco 3, o efeito de interação entre conflito coparental e o evitamento de vinculação foi analisado através da execução de um diagrama da predição da satisfação conjugal com baixo (- 1 *SD*) e alto (+ 1 *SD*) conflito coparental dependendo de baixos (- 1 *SD*) e altos (+ 1 *SD*) níveis de evitamento de vinculação. Os resultados são mostrados na Figura 2. Os testes *Post-hoc* de declive mostraram que a associação entre o conflito coparental e satisfação conjugal foi significativa quer a baixos níveis de evitamento de vinculação, $B = -0.44$, $t = -5.26$, $p < .001$, quer a altos níveis de evitamento de vinculação, $B = -0.28$, $t = -5.11$, $p < .001$. Através da análise da Figura 2, verificou-se que as participantes com elevados níveis de evitamento de vinculação apresentaram menores níveis de satisfação conjugal, quer com baixo quer com alto conflito coparental, quando comparadas com participantes com baixos níveis de evitamento de vinculação.

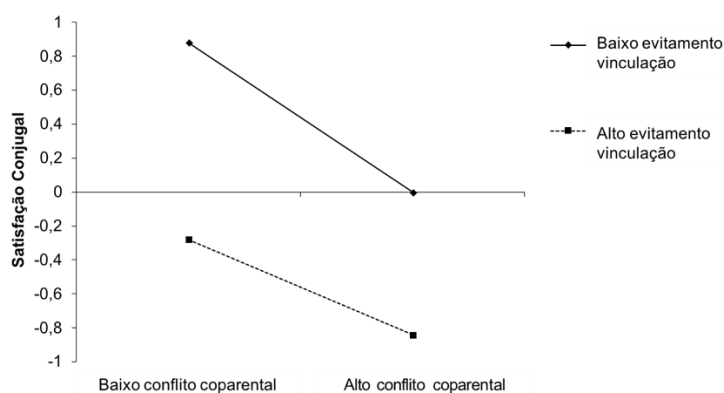


Figura 2. Interação entre o conflito coparental e o evitamento de vinculação na predição da satisfação conjugal.

Discussão

O presente estudo teve como finalidade responder a quatro objetivos. O primeiro foi testar o efeito moderador da ansiedade de vinculação na associação entre a cooperação coparental e a satisfação conjugal. O segundo foi testar o efeito moderador da ansiedade de vinculação na associação entre o conflito coparental e a satisfação conjugal. Em terceiro, testou-se o efeito moderador do evitamento de vinculação na associação entre a cooperação coparental e a satisfação conjugal. Finalmente, foi testado o efeito moderador do evitamento de vinculação na associação entre o conflito coparental e a satisfação conjugal. Apesar destas variáveis surgirem frequentemente estudadas em investigações anteriores, não foram encontrados estudos na literatura que pesquisassem a interação entre estas variáveis nas mesmas análises. Assim

sendo, a novidade do estudo prendeu-se em testar o efeito moderador da vinculação nesta associação.

Globalmente, os nossos resultados mostraram que as variáveis do estudo apresentavam associações significativas nas direções esperadas. Em relação ao primeiro objetivo, hipotetizamos que que níveis mais baixos de satisfação conjugal seriam evidenciados pelas participantes com níveis mais baixos de cooperação coparental e níveis mais baixos de ansiedade de vinculação. Os resultados demonstraram que apenas a cooperação coparental se mostrou ser preditora da satisfação conjugal. Este resultado demonstrou que as participantes que mostraram níveis de menor cooperação coparental apresentavam baixa satisfação conjugal. Tal pode ser explicado pelo facto de existir uma consistência concetual entre os diferentes modelos da coparentalidade, que referem que esta pode ter um efeito, positivo ou negativo, no relacionamento conjugal (Margolin et al., 2001; Cox & Paley, 1997). Desta forma, a relação coparental pode ser influenciada pelos sentimentos em relação a um dos membros da díade conjugal e em relação a características do funcionamento da mesma, visto que relações coparentais negativas caracterizadas por elevados níveis de conflito e reduzido suporte podem refletir-se em processos e resultados negativos na relação conjugal (Margolin et al., 2001). Este resultado vai ao encontro de investigações prévias que parecem sugerir que as perceções da aliança coparental positiva, e o baixo conflito de coparentalidade destrutivo podem ser interpretados pelas mulheres como sinais de compromisso com o cônjuge no relacionamento conjugal (Galovan, Holmes, Schramm & Lee, 2014).

Relativamente à segunda hipótese, os resultados demonstraram que apenas o conflito coparental se mostrou preditor da satisfação conjugal, corroborando investigações anteriores (Darwiche, Favez, Simonelli, Antonietti & Frascarolo (2015); Korja et al., (2016). A não existência de um efeito significativo da ansiedade de vinculação na predição da satisfação conjugal foi surpreendente à luz da investigação anterior que verificou que as mulheres com vinculação insegura-ansiosa manifestavam menor satisfação e afeto e maiores níveis de conflito e ambivalência na relação (e.g., Kirkpatrick & Davis, 1994; Kimmes, Durtschi, Clifford, Knapp & Fircham, 2015; Simpson & Rholes, 2017). Globalmente, a não existência de um efeito moderador da ansiedade de vinculação não confirmou algumas teorias anteriores que sustentavam que pessoas com elevados níveis de ansiedade de vinculação, por apresentarem menor capacidade de diferenciar (e gerir) a relação coparental e a relação conjugal, iriam transferir potenciais dificuldades no subsistema coparental para o subsistema conjugal (e.g.,

Lamela, Figueiredo, & Bastos, 2013; Talbot, Baker & McHale, 2009; Martin, Sturge-Apple, Davis, Romero & Buckholz, 2017).

Após testar a terceira hipótese, os resultados demonstraram que a cooperação coparental, o evitamento da vinculação e a sua interação foram preditores significativos da satisfação conjugal, confirmando a nossa hipótese. A interação entre as variáveis cooperação coparental e evitamento da vinculação contribuiu para o aumento da variância explicada na satisfação conjugal, o que significa que mães com baixa satisfação conjugal evidenciaram baixa cooperação coparental e elevado evitamento de vinculação. Estes resultados são sustentados por Feeney e Noller (1996) e Hazan e Shaver (1987) que evidenciaram que adultos com vinculação insegura-evitante demonstram menor investimento nas relações, percebem a intimidade como ameaçadora, diminuem a necessidade de proximidade e recebem dependência do outro e da relação.

Por último, para o quarto objetivo, a hipótese inicialmente formulada confirmou-se, uma vez que os resultados desmontaram como preditores o conflito coparental e o evitamento da vinculação, tendo a inclusão do termo de interação (conflito coparental x evitamento de vinculação) contribuído para o aumento da variância. Tais resultados parecem sugerir que mães com baixa satisfação conjugal apresentavam elevado conflito coparental, assim como elevado evitamento da vinculação. Estes resultados podem ser explicados, uma vez que, indivíduos com evitamento de vinculação por evidenciam desconfiança no outro e tendem a gerir com maior dificuldade a resolução de conflitos conjugais, acreditando que, durante o conflito o cônjuge não estará disponível, e, por isso, percebem que os esforços para tal são inúteis. Posto isto, tendem a retirar a sua atenção do conflito e a utilizarem estratégias de resolução de conflito destrutivas, transmitindo desta forma a percepção de insatisfação (e.g., Corcoran & Mallinckrodt, 2000; Feeney, 1999).

Este estudo apresentou algumas limitações que devem ser tidas em conta na interpretação dos resultados. Em primeiro, tratou-se de um estudo de *design* transversal, que dada a avaliação ter ocorrido num só momento, não permitiu estudar a evolução desenvolvimental dos construtos e, por essa razão, relações de causa-efeito não podem ser estabelecidas. Em segundo, o facto de este estudo apresentar uma amostra apenas com mães. Apesar da investigação prévia não sugerir diferenças em função do género na ansiedade e evitamento de vinculação, seria interessante, para estudos futuros, analisar o efeito moderador da vinculação na associação entre a coparentalidade e a satisfação conjugal em homens e mulheres para analisar possíveis diferenças de género. Assim, generalizações dos nossos

resultados para homens não devem ser desenvolvidas. Em terceiro, os dados foram recolhidos com recurso a medidas de autorrelato. Apesar da investigação anterior ter demonstrado elevada correlação entre as medidas de autorrelato utilizadas e outras medidas observacionais (e.g., Feinberg et al., 2012), a utilização adicional destas medidas adicionais iria aumentar a precisão dos resultados obtidos e reduzir potenciais fontes de variância partilhada. Por fim, os resultados estão circunscritos a mães com crianças em idade pré-escolar. Considerando que as tarefas desenvolvimentais das crianças podem alterar a dinâmica de funcionamento coparental (Feinberg, 2003; Lamela et al., 2010), generalizações dos nossos resultados para crianças mais velhas não devem ser realizadas. Assim, seria um contributo adicional para a literatura que investigações futuras elaborassem estudos com *design* longitudinal, de forma a compreender o efeito da vinculação como moderadora da cooperação coparental e da satisfação conjugal em diferentes períodos desenvolvimentais das mães. Contudo, apesar das limitações mencionadas anteriormente, este estudo contribuiu para o acréscimo da literatura, visando a compreensão do construto. De um ponto de implicações para a prática, este vem reforçar a importância dos clínicos para a natureza sistémica familiar, que sugere que o funcionamento global da família é explicado pela interdependência entre subsistemas familiares (Cox & Paley, 1997). Deste modo, recomendamos que os profissionais tenham em conta estas dimensões mais cognitivas e emocionais e que elucidem de forma aberta e clara cada um dos membros da díade conjugal.

Referências

- Abbass-Dick, J., Stern, S., Nelson, L., Watson, W., & Dennis, C. (2015). Coparenting breastfeeding support and exclusive breastfeeding: A randomized controlled trial. *Pediatrics*, *135*, 102-110. doi:[10.1542/peds.2014-1416d](https://doi.org/10.1542/peds.2014-1416d)
- Aiken, L., West, S., & Reno, R. (1991). *Multiple regression: Testing and interpreting interactions*. Hoboken, CA: Sage.
- Alarcão, M. (2000). *(des)Equilíbrios familiares*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Belsky, J., Crnic, K., & Gable, S. (1995). The determinants of coparenting in families with toddler boys: spousal differences and daily hassles. *Child Development*, *66*, 629-642. doi:[10.1111/j.1467-8624.1995.tb00894](https://doi.org/10.1111/j.1467-8624.1995.tb00894)
- Buckley, C., & Schoppe-Sullivan, S. (2010). Father involvement and coparenting behavior: Parents' nontraditional beliefs and family earner status as moderators. *Personal Relationships*, *17*, 413-431 doi: [10.1111/j.1475-6811.2010.01287.x](https://doi.org/10.1111/j.1475-6811.2010.01287.x)

- Cohen, J., Cohen, P., West, S., & Aiken, L. (2003). *Applied multiple regression/correlation analysis for the behavioral sciences*. London: Routledge.
- Cooper, M., Shaver, P., & Collins, N. (1998). Attachment styles, emotion regulation, and adjustment in adolescence. *Journal of personality and social psychology*, *74*, 1380-97.
- Corcoran, K., & Mallinckrodt, B. (2000). Adult attachment, self-efficacy, perspective taking, and conflict resolution. *Journal of Counseling & Development*, *78*, 473-483. doi: [10.1002/j.1556-6676.2000.tb01931.x](https://doi.org/10.1002/j.1556-6676.2000.tb01931.x)
- Cox, M., & Paley, B. (1997). Families as systems. *Annual Review of Psychology*, *48*, 243-267. doi: [10.1146/annurev.psych.48.1.243](https://doi.org/10.1146/annurev.psych.48.1.243)
- Darwiche, J., Favez, N., Simonelli, A., Antonietti, J., & Frascarolo, F. (2015). Prenatal coparenting alliance and marital satisfaction when pregnancy occurs after assisted reproductive technologies or spontaneously. *Family Relations*, *64*, 534-546. doi: [10.1111/fare.12131](https://doi.org/10.1111/fare.12131)
- Davila, J., Bradbury, T., & Fincham, F. (1998). Negative affectivity as a mediator of the association between adult attachment and marital satisfaction. *Personal Relationships*, *5*, 467-484.
- Dawson, J., & Richter, A. (2006). Probing three-way interactions in moderated multiple regression: Development and application of a slope difference test. *Journal of Applied Psychology*, *91*, 917-926. doi: [10.1037/0021-9010.91.4.917](https://doi.org/10.1037/0021-9010.91.4.917)
- Dias, M. (2011). Um olhar sobre a família na perspectiva sistémica: O processo de comunicação no sistema familiar: *Gestão e Desenvolvimento*, *19*, 139-156.
- Jones, D., Shaffer, A., Forehand, R., Brody, G., & Armistead, L. (2003). Coparent conflict in single mother-headed African American families: Do parenting skills serve as a mediator or moderator of child psychosocial adjustment? *Behavior Therapy*, *34*, 259 – 272. doi: [10.1016/S0005-7894\(03\)80016-3](https://doi.org/10.1016/S0005-7894(03)80016-3)
- Katz, F., & Gottman, M. (1996). Spillover effects of marital conflict: In search of parenting and coparenting mechanisms. *New Directions for Child and Adolescent Development*, *7*, 57-76. doi: [10.1002/cd.23219967406](https://doi.org/10.1002/cd.23219967406)
- Kimmes, J., Durtschi, J., Clifford, C., Knapp, D., & Fincham, F. (2015). The role of pessimistic attributions in the association between anxious attachment and relationship satisfaction. *Family Relations*, *64*, 547-562. doi: [10.1111/fare.12130](https://doi.org/10.1111/fare.12130)

- Kirkpatrick, L., & Davis, K. (1994). Attachment style, gender and relationship stability: A longitudinal analysis. *Journal of Personality and Social Psychology*, 66, 502-512.
- Korja, R., Piha, J., Otava, R., Lavanchy-scaiola, C., Ahlqvist-Björkroth, S., Aromaa, M., Hannele, R., & STEPS-study. (2016). Mother's marital satisfaction associated with the quality of mother-father-child triadic interaction. *Scandinavian journal of psychology*, 57, 305-312. doi: [10.1111/sjop.12294](https://doi.org/10.1111/sjop.12294)
- Konold, T., & Abidin, R. (2001). *Parenting alliance: A multifactor perspective*. *Assessment*, 8, 47-65. doi: [10.1177/107319110100800105](https://doi.org/10.1177/107319110100800105)
- Krishnakumar, A., & Buehler, C. (2000). Interparental conflict and parenting behaviors: A metaanalytic review. *Family Relations*, 49, 25-44. doi:[10.1111/j.17413729.2000.00025.x](https://doi.org/10.1111/j.17413729.2000.00025.x) ~
- Kunce, L., & Shaver, P. (1994). An attachment-theoretical approach to caregiving in romantic relationships. In D. Perlman & K. Bartholomew (Eds), *Attachment processes in 68 adulthood: Vol. 5. Advances in personal relationships. (Vol. 5.)*. Jessica Kingsley Publishers, Ltd.
- Feeney, J., Noller, P., & Callan, V. (1994). Attachment style, communication and satisfaction in the early years of marriage. *Advances in Personal Relationships*, 5, 269-308.
- Feeney, J., & Noller, P. (1996). *Adult attachment*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Feeney, J. (1999). Adult attachment, emotional control, and marital satisfaction. *Personal Relationships*, 6(2), 169-185. doi:[10.1111/j.1475-6811.1999.tb00185.x](https://doi.org/10.1111/j.1475-6811.1999.tb00185.x)
- Feeney, B., & Collins, N. (2001). Predictors of caregiving in adult intimate relationships: An attachment theoretical perspective. *Journal of personality and social psychology*, 80, 972. doi: [10.1037//0022-3514.80.6.972](https://doi.org/10.1037//0022-3514.80.6.972)
- Feeney, B., & Monin, J. (2008). An attachment-theoretical perspective on divorce. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (2nd ed., pp. 934-957). New York: Guilford.
- Feinberg, M. (2003). The internal structure and ecological context of coparenting: A framework for research and intervention. *Parenting: Science and Practice*, 3, 95-131. doi: [10.1207/S15327922PAR0302_01](https://doi.org/10.1207/S15327922PAR0302_01)

- Feinberg, M., Kan, M., & Hetherington, E. (2007). The longitudinal influence of coparenting conflict on parental negativity and adolescent maladjustment. *Journal of Marriage and Family*, 69, 687-702. doi:[10.1111 / j.1741-3737.2007.00400.x](https://doi.org/10.1111/j.1741-3737.2007.00400.x)
- Feinberg, M., Kan, M., & Goslin, M. (2009). Enhancing coparenting, parenting, and child self-regulation: Effects of family foundations 1 year after birth. *Prevention Science*, 10, 276-285. doi: [10.1007/s11121-009-0130-4](https://doi.org/10.1007/s11121-009-0130-4)
- Feinberg, M., Brown, L., & Kan, M. (2012). A multi-domain self-report measure of coparenting. *Parenting: Science and Practice*, 12, 1-21. doi:[10.1080/15295192.2012.638870](https://doi.org/10.1080/15295192.2012.638870)
- Fillo, J., Simpson, J., Rholes, S., & Kohn, J. (2015). Dads doing diapers: Individual and relational outcomes associated with the division of childcare across the transition to parenthood. *Journal of Personality and Social Psychology*, 108, 298-316 doi: [10.1037/a0038572](https://doi.org/10.1037/a0038572)
- Forehand, R., & Jones, D. (2003). Neighborhood violence and coparent conflict: Interactive influence on child psychosocial adjustment. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 31, 591-604. doi: [10.1023/A:1026206122470](https://doi.org/10.1023/A:1026206122470)
- Fraley, R., Heffernan, M., Vicary, A., & Brumbaugh, C. (2011). The Experiences in Close Relationships—Relationship Structures questionnaire: A method for assessing attachment orientations across relationships. *Psychological Assessment*, 23, 615–625. doi:[10.1037/a0022898](https://doi.org/10.1037/a0022898)
- Funk, J. & Rogge, R. (2007). Testing the ruler with item response theory: Increasing of measurement for relationship satisfaction with the couples satisfaction index. *Journal of Family Psychology*, 21, 572-583. doi: [10.1037/0893-3200.21.4.572](https://doi.org/10.1037/0893-3200.21.4.572)
- Galovan, A., Holmes, E., Schramm, D., & Lee, T. (2014). Father involvement, father–child relationship quality, and satisfaction with family work: Actor and partner influences on marital quality. *Journal of Family Issues*, 35, 1846-1867. doi:[10.1177/0192513x13479948](https://doi.org/10.1177/0192513x13479948)
- Gerard, J., Krishnakumar, A., & Buehler, C. (2006). Marital conflict, parent-child relations, and youth maladjustment: A longitudinal investigation of spillover effects. *Journal of Family Issues*, 27, 951-975. doi: [10.1177/0192513X05286020](https://doi.org/10.1177/0192513X05286020)

- Hazan, C., & Shaver, P. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52, 511-524. doi: [10.1037/00223514.52.3.511](https://doi.org/10.1037/00223514.52.3.511)
- Hazan, C., & Shaver, P. R. (1994). Attachment as an organizational framework for research on close relationships. *Psychological inquiry*, 5, 1-22. doi: [10.1207/s15327965pli05011](https://doi.org/10.1207/s15327965pli05011)
- Lamela, D., Nunes-Costa, R., & Figueiredo, B. (2010). Modelos teóricos das relações coparentais: Revisão crítica. *Psicologia em Estudo*, 15, 205-216.
- Lamela, D., & Figueiredo, B. (2011). Post-divorce representations of marital negotiation during marriage predict parenting alliance in newly divorced parents. *Sexual and Relationship Therapy*, 26, 182-190.
- Lamela, D., Figueiredo, B., & Bastos, A. (2013). Perfis de vinculação, coparentalidade e ajustamento familiar em pais recém-divorciados: Diferenças no ajustamento psicológico. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 26, 19-28. doi: [10.1590/S0102-79722013000100003](https://doi.org/10.1590/S0102-79722013000100003)
- Lamela, D., Figueiredo, B., Bastos, A., & Feinberg, M. (2016). Typologies of post-divorce coparenting and parental well-being, parenting quality and children's psychological adjustment. *Child Psychiatry & Human Development*, 47, 716-728. doi: [10.1007/s10578-015-0604-5](https://doi.org/10.1007/s10578-015-0604-5)
- Lamela, D., & Figueiredo, B. (2016). Coparenting after marital dissolution and children's mental health: A systematic review. *Jornal de Pediatria (Versão em Português)*, 92, 331-342. doi: [10.1016/j.jpedp.2016.05.010](https://doi.org/10.1016/j.jpedp.2016.05.010)
- Lamela, D., Jongenelen, I., Morais, A., & Figueiredo, B. (2018). Does sociosexuality moderate the association between coparenting and marital satisfaction in women with a romantic partner? Manuscript accepted with minor revisions.
- Lamela, D., Morais, A., Jongenelen, I. (2018). Validação psicométrica da Escala da Relação Coparental em mães portuguesas. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 36, 597-612
- Maccoby, E., Depner, C., & Mnookin, R. (1990). Coparenting in the second year after divorce. *Journal of Marriage and the Family*, 52, 141-155. doi: [10.2307/352846](https://doi.org/10.2307/352846)
- Margolin, G., Gordis, E., & John, R. (2001). Coparenting: A link between marital conflict and parenting in two parent families. *Journal of Family Psychology*, 15, 3-21. doi:

[10.1037/0893-3200.15.1.3](https://doi.org/10.1037/0893-3200.15.1.3)

- Margolin, G., Gordis, E., & Oliver, P. (2004). Links between marital and parent–child interactions: Moderating role of husband-to-wife aggression. *Development and psychopathology*, *16*, 753-771. doi: [10.1017/S0954579404004766](https://doi.org/10.1017/S0954579404004766)
- Martin, M., Sturge-Apple, M., Davies, P., Romero, C., & Buckholz, A. (2017). A process model of the implications of spillover from coparenting conflicts into the parent–child attachment relationship in adolescence. *Development and psychopathology*, *29*, 417431. doi: [10.1017/S0954579410000086](https://doi.org/10.1017/S0954579410000086)
- McClain, L. (2011). Better parents, more stable partners: Union transitions among cohabiting parents. *Journal of Marriage and Family*, *73*, 889-901. doi: [10.1111/j.17413737.2011.00859.x](https://doi.org/10.1111/j.17413737.2011.00859.x)
- McHale, J. (1997). Overt and covert coparenting processes in the family. *Family Process*, *36*, 183-201. doi: [10.1111/j.1545-5300.1997.00183.x](https://doi.org/10.1111/j.1545-5300.1997.00183.x)
- Meyers, S., & Landsberger, S. (2002). Direct and indirect pathways between adult attachment style and marital satisfaction. *Personal Relationships*, *9*, 159–172. doi: [10.1111/14756811.00010](https://doi.org/10.1111/14756811.00010)
- Mikulincer, M., Shaver, P., & Pereg, D. (2003). Attachment theory and affect regulation: The dynamics, development, and cognitive consequences of attachment-related strategies. *Motivation and emotion*, *27*, 77-102. doi: [10.1023/A:1024515519160](https://doi.org/10.1023/A:1024515519160)
- Mikulincer, M., Shaver, P. R., Gillath, O., & Nitzberg, R. A. (2005). Attachment, caregiving, and altruism: boosting attachment security increases compassion and helping. *Journal of personality and social psychology*, *89*, 817-839. doi: [10.1037/0022-3514.89.5.817](https://doi.org/10.1037/0022-3514.89.5.817)
- Mikulincer, M., & Shaver, P. (2007). Attachment in adulthood: Structure, dynamics, and Change. New York: The Guildford Press.
- Maniaci, M., & Rogge, R. (2014). Caring about carelessness: Participant inattention and its effects on research. *Journal of Research in Personality*, *48*, 61-83. doi: [10.1016/j.jrp.2013.09.008](https://doi.org/10.1016/j.jrp.2013.09.008)
- Minuchin, S. (1974). *Families and family therapy*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Moreira, H., Martins, T., Gouveia, M., & Canavarro, M. (2015). Assessing adult attachment across different contexts: Validation of the Portuguese version of the Experiences in

- Close Relationships–Relationship Structures Questionnaire. *Journal of Personality Assessment*, 97, 22-30. doi: [10.1080/00223891.2014.950377](https://doi.org/10.1080/00223891.2014.950377)
- Mosmann, C., & Falcke, D. (2011). Conflitos conjugais: motivos e frequência. *Revista da SPAGESP*, 12, 5-16.
- Schober, P. (2012). Paternal child care and relationship quality: A longitudinal analysis of reciprocal associations. *Journal of Marriage and Family*, 74, 281-296. doi: [10.1111/j.1741-3737.2011.00955.x](https://doi.org/10.1111/j.1741-3737.2011.00955.x)
- Simpson, J., Collins, W., Tran, S., & Haydon, K. (2007). Attachment and the experience and expression of emotions in romantic relationships: A developmental perspective. *Journal of Personality and Social Psychology*, 92, 355-367. doi: [10.1037/0022-3514.92.2.355](https://doi.org/10.1037/0022-3514.92.2.355)
- Simpson, J., & Rholes, W. (2017). Adult attachment, stress, and romantic relationships. *Current opinion in psychology*, 13, 19-24. doi: [10.1016/j.copsyc.2016.04.006](https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2016.04.006)
- Talbot, J., & McHale, J. (2004). Individual parental adjustment moderates the relationship between marital and coparenting quality. *Journal of Adult Development*, 11, 191-205. doi: [10.1023 / B: JADE.0000035627.26870.f8](https://doi.org/10.1023/B:JADE.0000035627.26870.f8)
- Talbot, J., Baker, J., & McHale, J. (2009) Sharing the Love: Prebirth Adult Attachment Status and Coparenting Adjustment During Early Infancy, *Parenting*, 9:1-2, 56-77, doi: [10.1080/15295190802656760](https://doi.org/10.1080/15295190802656760)
- Teubert, D., & Pinquart, M. (2010). The association between coparenting and child adjustment: A meta-analysis. *Parenting: Science and Practice*, 1, 286-307. doi: [10.1080/15295192.2010.492040](https://doi.org/10.1080/15295192.2010.492040)
- Umemura, T., Christopher, C., Mann, T., Jacobvitz, D., & Hazen, N. (2015). Coparenting problems with toddlers predict children's symptoms of psychological problems at age 7. *Child Psychiatry & Human Development*, 46, 981-996. doi: [10.1007 / s105780150536-0](https://doi.org/10.1007/s105780150536-0)
- Van Egeren, A., & Hawkins, P. (2004). Coming to terms with coparenting: Implications of definition and measurement. *Journal of Adult Development*, 11, 165-178. doi: [10.1023/B:JADE.0000035625.74672.0b](https://doi.org/10.1023/B:JADE.0000035625.74672.0b)
- Weiss, R. S. (1982). Attachment in adult life. In C. M. Parkes & J. Stevenson-Hinde (Eds.), *The place of attachment in human behaviour* (pp. 171-194). New York: Basic Books

